



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1434

Los tres caballeros e as representações do discurso pan-americanista para a América Latina

Mayra Coan Lago

Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da
Universidade de São Paulo (PROLAM/USP)

Resumo

Com o advento da Segunda Guerra Mundial acirrou-se as disputas comerciais, políticas e ideológicas das grandes potências, sobretudo dos Estados Unidos e da Alemanha, pela América Latina. Entre as disputas do momento pretendemos destacar a ideológica e, mais particularmente, um dos mecanismos utilizados pelos Estados Unidos, para difundir o discurso pan-americanista para a América Latina: o cinema.

Procurando atender aos objetivos da Política da Boa Vizinhança, os filmes norteamericanos deveriam seguir as diretrizes da Divisão de Informações, ligada diretamente ao Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA). Entre os filmes e personagens produzidos no momento, gostaríamos de destacar os “tres caballeros” da Disney, comumente conhecidos como Zé Carioca, Pato Donald e Panchito para pensar: de que forma a América Latina seria apresentada? como a América Latina seria representada por estes personagens? que elementos seriam selecionados para tal representação? que relação seria forjada entre os personagens, sobretudo Zé Carioca e Panchito com o Pato Donald?

Eis algumas das perguntas que norteiam este estudo inicial, que tem como objetivo apresentar as representações do discurso pan-americanista para a América Latina, a partir dos personagens selecionados nos filmes “Alô Amigos” de 1942 e “Los tres caballeros” ou “Você já foi a Bahia?” de 1945. Consideramos estes personagens emblemáticos para observarmos um dos mecanismos utilizados pelos Estados Unidos para a difusão do discurso pan-americanista, tal como para refletirmos sobre as projeções de imagens pelo “outro” sobre os latinoamericanos, seja por uma dimensão de identidade mais “geral” como de uma identidade “nacional”, de cada um dos países, representados pelos personagens.

Palavras-chave: Zé Carioca; Pato Donald; Panchito; Pan-Americanismo; América Latina.

Introdução

Saudamos a todos da América do Sul

Onde o céu é sempre azul

Saudamos a todos amigos de coração

Que lá deixamos, de quem relembramos ao cantar essa canção!

Música de apresentação de Alô Amigos (1942) da Walt Disney, Edward Plumb.

No contexto da Segunda Guerra Mundial e da implementação da “política da boa vizinhança”¹ para a América Latina foi criado o *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*, em agosto de 1940, o que ficou conhecido um ano mais tarde como *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), sob a direção de Nelson Rockefeller.

De maneira geral, o “Birô Interamericano” estava destinado a coordenar os esforços dos Estados Unidos para a promoção da cooperação e solidariedade com a América Latina (MOURA, 1984). De acordo com Antonio Pedro Tota (2000) o escritório era composto por quatro divisões: comunicações com as seções de rádio, cinema, imprensa e esportes; relações culturais com as seções de arte, música, literatura, educação; saúde com as seções dos problemas sanitários em geral e comercial/ financeira com as seções de exportação, transporte, finanças e desenvolvimento.

Destas seções, destacamos a de cinema, sobretudo por sua missão de construir, por meio de filmes, uma identidade na qual coubessem latinoamericanos e norteamericanos, sobretudo no esforço defensivo da guerra que se anunciava. Ademais, também foi por meio do cinema que os Estados Unidos buscariam alterar a imagem que as repúblicas latinoamericanas haviam conformado dos Estados Unidos, a partir de um histórico de conflitos, intervencionismos e isolamento econômico de suas políticas para com a América Latina, desde a guerra mexicano-americana em 1848 até as leis de neutralidade nos anos 1930, além do Corolário Roosevelt da Doutrina Monroe.

O Birô, encarregado de elaborar e desenvolver projetos de aproximação cultural entre os Estados Unidos e a América Latina, também auxiliava na lista de visitas e celebridades hollywoodianas aos países da América Latina e vice-versa. Neste contexto que Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados

¹ De acordo com Gerson Moura (1984), a política da *Boa Vizinhança* fundamentava-se nas seguintes ideias: os Estados Unidos abandonariam a política de intervenção na América Latina; reconheceriam a igualdade jurídica entre todas as nações do continente; aceitariam a necessidade de consultas periódicas para resolver os problemas que surgissem entre as repúblicas; e concordariam em cooperar por todos os meios para o bem-estar dos povos da América (p. 17).

Unidos entre 1933 e 1945, solicitou a inclusão de Walt Disney na lista de celebridades que viajariam à América Latina.

Entre os métodos da política boa vizinhança, que possibilitassem a reorientação de uma nova política cultural, figurou a criação de personagens que concentravam os traços característicos do que se pensava como uma “identidade latinoamericana”. Um dos principais criadores destes personagens foi Walt Disney, responsável pelos personagens para cinema mais consagrados neste processo. A epígrafe desta introdução expressa a reprodução das imagens de fraternidade e de amizade desejadas a partir da canção de um desenho animado.

Dentre os filmes produzidos no momento destacamos *Saludos Amigos*, também conhecido como *Alô Amigos* no Brasil, de 1942 e *Los Tres Caballeros*, também conhecido no Brasil como “Você já foi à Bahia?”, de 1945. E, mais especificamente, três personagens emblemáticos, comumente conhecidos como Zé Carioca, Pato Donald e Panchito para observar as representações do discurso pan-americanista para a América Latina. De que forma a América Latina seria apresentada? Como a América Latina seria representada por estes personagens? Que elementos seriam selecionados para tal representação? Que relação seria forjada entre os personagens, sobretudo Zé Carioca e Panchito com o Pato Donald? Eis algumas das perguntas que norteiam este estudo inicial.

Alô latinoamericanos: a

Walt Disney esteve no Brasil em junho de 1941, junto de John Whitney (diretor da divisão de cinema), como porta-voz dos interesses do OCIAA, que tinha como missão expandir e consolidar a política da boa vizinhança. De acordo com o historiador Rodrigo Medina Zagni (2014), o momento foi decisivo para a expansão dos seus estúdios, uma vez que Disney enfrentava sérios problemas econômicos, inclusive uma greve de funcionários, e pessoais, recebendo acusações da imprensa que o relacionava com o nazismo.

Ainda segundo o historiador, a aliança com Rockefeller, neste contexto, foi extremamente favorável, uma vez que recebeu do governo Roosevelt mais de 100 mil dólares, para que produzisse duas peças de propaganda política, na

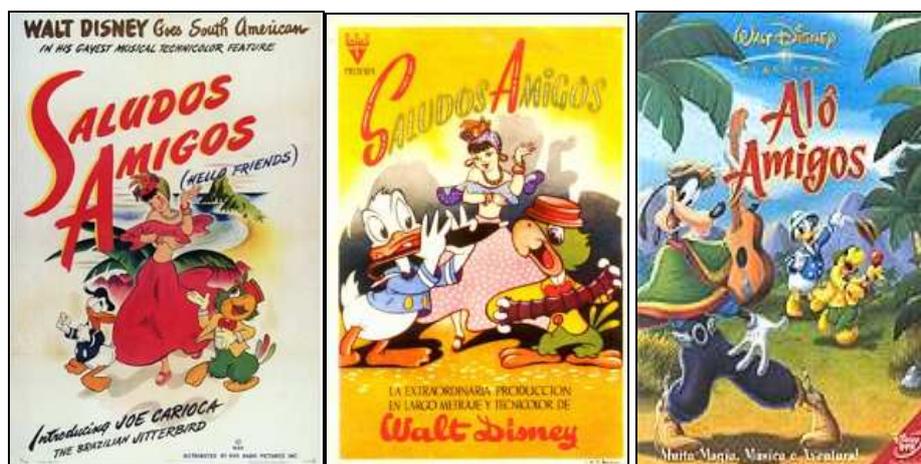
forma de dois desenhos com um tema demarcado: a solidariedade entre as Américas. O dinheiro resolveria tanto os problemas econômicos como apaziguaria as notícias de que Disney era um colaborador do nazismo dentro dos Estados Unidos.

Como contrapartida dos investimentos que o governo norteamericano nos estúdios Disney, esperava-se:

White the Disney trip itself was a substantial gesture of good will, a motion Picture based thereon will prove most flattering to the other American Republics and will emphasize the common bonds uniting the peoples of the Americas. At a time when continental solidarity is of prime importance, this picture will provide a persuasive demonstration of good will in action. Such unifying factors as this films are essential to civilian morale, both in this country and in the other Americas (ZAGNI, 2014, p. 345).

O projeto Walt Disney Sees South America, de 3 de dezembro de 1941, revelava a forma como os filmes deveriam reproduzir as relações entre os Estados Unidos e os demais países da América, tendo como “pano de fundo”, as imagens dos elementos que pudessem unir os norte e latinoamericanos em torno de algo em comum, a da solidariedade continental, entre outros.

No final do mês de dezembro o projeto foi aprovado. Quando retorna aos Estados Unidos, em 1942, os estúdios Walt Disney apresentam o desenho animado Saludos Amigos, em castelhano, ou Alô Amigos, em português.



Imagens 1, 2 e 3: Capas do filme “Alô Amigos”, com o título em castelhano “Saludos Amigos” (duas imagens à esquerda) e em português à direita.

O filme, que combina documentário com animação, apresenta alguns dos personagens da Disney Pictures, sobretudo Pedro, Pateta, Donald e o

recém-criado Zé Carioca, que se revezam para conhecer a América Latina e os latinoamericanos.

O filme inicia retratando a comissão da Disney chegando à América Latina, em busca de novos personagens. Este primeiro momento é interessante para observarmos quais lugares da América Latina foram selecionados como destino e, conseqüentemente, como referências para criar personagens que deveriam representar os latinoamericanos. Entre os lugares, figuram: Rio de Janeiro, no Brasil; Buenos Aires, região dos pampas e Córdoba, na Argentina; Chile; Bolívia; e Lago Titicaca, na fronteira entre o Peru e a Bolívia. Não obstante, o filme prolonga-se no Brasil e na Argentina.

O “recorte” ou a seleção destes países, tal como o prolongamento nos mesmos também deve ser observado, uma vez que revelava as políticas de aproximação e contato com Brasil, Argentina e, posteriormente, México, países que aspiravam a liderança regional e exerciam enorme influência, inclusive como polos irradiadores de cultura em relação aos demais países latinoamericanos.

A narrativa do início do filme, que retrata a experiência da comissão para a América Latina, também é emblemática na medida em que revela imagens, pré-conceitos e conceitos sobre os latinoamericanos, presentes nos discursos do narrador. Neste sentido, duas imagens mais amplas sobre a América Latina seriam combinadas: por um lado, a beleza natural dos países, sendo que a fauna e a flora foram amplamente mencionadas e elogiadas; e, por outro lado, o “exotismo” dos países, pelas próprias culturas, modos de vida dos latinoamericanos.

Sidney Ferreira Leite (2006) ressaltou as contradições presentes no filme:

Apesar de todos os cuidados da produção em não cometer erros para desempenhar de modo eficiente a missão diplomática traçada, as contradições e as ambigüidades do desenho são explícitas. Donald e seus companheiros não se comportavam como amigos, mas como turistas que visitavam terras exóticas. O turista interpreta a cultura das regiões que visita como uma seleção de monumentos. O resultado de tal interpretação é a redução dos nativos a tipos, desprovidos de personalidade e história, isto é, estereótipos. No Brasil, por exemplo, o carioca é caracterizado como o malandro simpático e cordial, a síntese do “espírito brasileiro”, o argentino é representado pelo vaqueiro gaúcho, aventureiro e corajoso. Em outras palavras, tipos que resumiam o olhar americano sobre seus

vizinhos latinos, sem a intenção de observar as diferenças culturais, mas comprometido em reduzir e classificar, estratégias para submeter o desconhecido à condição de inferior².

Tais imagens também comporiam a justificativa da escolha dos lugares selecionados, auxiliando-nos na reflexão sobre o que buscavam e o que esperavam da América Latina. Esta narrativa inicial também fornece a abordagem escolhida para a filmagem, que daria o tom da animação: conhecer a América Latina e os latinoamericanos pelos olhos de um célebre personagem norte-americano, o Pato Donald, procurando frisar a solidariedade entre e com os povos latinoamericanos.

O personagem clássico da Disney, colocado no papel de turista visita dois locais específicos da América Latina: o Lago Titicaca e o Rio de Janeiro. Donald inicia o encontro com o “outro” no Lago Titicaca. Neste primeiro momento, Donald é retratado como típico turístico, inclusive pela indumentária e equipamentos eletrônicos, como câmera fotográfica, que quer conhecer a região. O narrador revela as primeiras impressões do norte-americano que chega aos locais turísticos da região, retratando a chegada ao “mercado animado”, referindo-se aos trajes característicos dos nativos, descrevendo peculiaridades culturais como as formas de andar e por onde andar e os animais nativos, como a lhama.

Em um dado momento, o filme retrata o encontro entre Donald e um nativo. O encontro procura revelar a tônica do discurso pan-americanista, isto é, a amizade e solidariedade entre os povos americanos, a partir da troca de indumentárias, como os chapéus e de objetos, como a câmera e a flauta.

A segunda viagem de Donald, agora ao Brasil, é iniciada com a narrativa da chegada dos norte-americanos ao Rio de Janeiro. O narrador começa retratando as impressões sobre as belezas naturais e os pontos turísticos da cidade. Ainda de acordo com o narrador, o ambiente propiciou para a criação do papagaio do Rio, denominado José Carioca.

Os elementos selecionados para representar o Brasil, sob um tom nacionalista, como o samba, o carnaval carioca e o molejo da “baiana”,

² LEITE, Sidney Ferreira, “Um pouco de malandragem”. *História Viva*. Ed. 30 de abril de 2006. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/um_pouco_de_malandragem.html. Acesso em 20 de agosto de 2015.

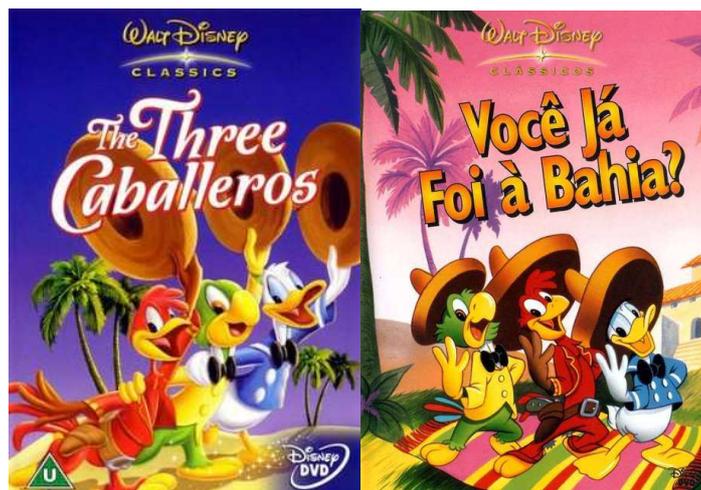
ambientado pela canção “Aquarela do Brasil” (1939) de Ary Barroso, peça da propaganda do Estado Novo, também revelavam que a produção da Disney seguiu não apenas as diretrizes do OCIAA, como também da cartilha de recomendações do Departamento de Imprensa e Propaganda brasileiro.

Também vale destacar o encontro entre o norteamericano, Pato Donald, e o brasileiro, Zé Carioca. Zé Carioca foi apresentado como o brasileiro simpático, falador e indolente, e Pato Donald foi apresentado como o amigo norteamericano sério e temperamental. Neste filme pode-se notar o contraste das duas Américas com Zé Carioca representando o arquétipo do latinoamericano e, mais particularmente do brasileiro, sendo malandro, preguiçoso e alegre em contraposição ao Pato Donald, civilizado e símbolo do “americano comum”.

A ideia da existência de duas Américas representadas nas produções cinematográficas era a síntese do ideal pan-americanista defendido pelos Estados Unidos. A percepção de dois povos distintos no mesmo continente enaltece a missão norteamericana de assegurar a defesa e guardar a liberdade hemisférica contra o inimigo externo ao mesmo tempo em que apresenta à América Latina a importância da união dessas duas Américas, a união de dois bons vizinhos e a cooperação entre ambos.

Ao som de outra canção brasileira consagrada, Tico Tico no Fubá, dançando e tocando, Zé Carioca levaria Donald a conhecer os principais pontos do Rio de Janeiro. Finalmente, em clima de carnaval, Donald terminaria dançando com Carmen Miranda no cassino da URCA.

O segundo filme encomendado pelo governo de Roosevelt foi lançado em 1945 com o nome “Los tres caballeros” em castelhano, que recebeu o nome “Você já foi à Bahia?” em português.



Imagens 3 e 4: Capas do filme “Alô Amigos”, com o título em castelhano “Saludos Amigos”.

A conjuntura do conflito armado, que envolvia a luta à causa dos Aliados e a união dos Estados Unidos, o Brasil e o México, reflete a elaboração de um novo personagem: Panchito. Deste modo, o ponto central do filme é mostrar os laços de fraternidade que aproximavam os três países a partir dos três personagens: Panchito (México), Zé Carioca (Brasil) e Pato Donald (Estados Unidos).

Por um lado, se observarmos as presenças do filme, sobretudo a partir das referências dos personagens e paisagens, notaremos o Brasil e o México. Uma das interpretações possíveis é que os personagens simbolizavam a fidelidade aos Estados Unidos, os amigos leais e seguidores do pan-americanismo.

Por outro lado, se observarmos as ausências do filme, percebemos que a Argentina não está mais entre os países visitados, o que revela o distanciamento da política externa dos Estados Unidos para a Argentina em razão dos desentendimentos nas conferências Pan-Americana, sobretudo com os debates sobre a entrada ou não da Argentina na Segunda Guerra Mundial, e a relutância argentina em reconhecer a hegemonia norteamericana na liderança continental.

O filme “Los Tres Caballeros” ou “Você já foi a Bahia?” retrata a continuidade da relação amistosa e solidária entre o norteamericano, Pato Donald, e os latinoamericanos, representados agora por Zé Carioca e pelo Panchito. Do mesmo modo que no primeiro filme, o filme combina imagens de película com animação e a América Latina é apresentada de maneira

estilizada. O diferencial deste filme é a ênfase à flora e à fauna da região, sobretudo à Cordilheira dos Andes e à floresta Amazônica, e a presença e sedução com que as mulheres, sobretudo as brasileiras, são retratadas, de modo que ao chegar na Bahia, Donald não resiste aos encantos da terra e rende-se aos encantos da baiana Iaiá, interpretada por Aurora Miranda.

O filme inicia com Donald recebendo presentes e um cartão dos seus “amigos latinoamericanos” pelo seu aniversário. Entre os presentes, figuram um filme sobre as aves na América do Sul; um livro sobre o Brasil; e um livro sobre o México. Com relação ao filme, o mesmo reproduz os “parentes” do Donald na América do Sul: as aves raras. Vale ressaltar a imagem de “parentes”, uma vez que pode revelar elementos comuns, laços de proximidade e, por vezes, de alianças entre os norte-americanos, representado por Donald, e os latinoamericanos, representados pelas demais aves. Além da reafirmação da amizade e solidariedade entre os povos americanos, vale ressaltar, uma vez mais, a escolha de uma figura brasileira como personagem: Ary Barroso.

A presença maior do Brasil neste filme, inclusive com personalidades famosas brasileiras, como Ary Barroso e Aurora Miranda, também pode ser interpretada como uma legitimação, do lugar almejado pelo Brasil, de amigo especial dos Estados Unidos, sobretudo no período da Segunda Guerra Mundial.

O segundo presente do Donald demarca o reencontro com Zé Carioca, que, desta vez, o levaria para conhecer a Bahia. A viagem reafirma estereótipos brasileiros mencionados no primeiro filme e apresenta outros como a sedução da mulher brasileira.

A caixa mexicana apresenta o último dos “*tres caballeros*”, Panchito. Além da vestimenta e do sombrero, distribuído ao Donald e ao Zé Carioca, vale observarmos alguns dos trechos da canção dos três: “los tres amigos”, “uno por todos y todos por uno” que reafirmava a ideia de aliança e união dos “tres caballeros”, representando também a união dos três países: Brasil, México e Estados Unidos.

Vale dizer que a contrapartida do “esforço de guerra” do Brasil e do México era reduzido, nos dois filmes, a aulas de manuseio de chocalhos, reco-recos, tamborins e pandeiros. De acordo com Tota (2014), os filmes da Disney,

que envolviam Pato Donald e os amigos latinoamericanos poderiam ser interpretados como uma forma de “divisão internacional” do esforço de guerra. Neste sentido, enquanto os filmes que combinavam os personagens, tendo como cenário os países da América Latina, apresentavam bens simbólicos, que remetiam ao prazer, numa espécie de sociologia da preguiça, os que retratavam apenas o Pato Donald, tendo como cenário os Estados Unidos, pagando impostos de renda ou como operário, apresentavam bens materiais identificados com o trabalho e o vigor das fábricas. Ainda de acordo com Tota (2014), tais representações seriam indispensáveis para a vitória sobre o Eixo.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho era apresentar as representações do discurso pan-americanista para a América Latina a partir de dois filmes da Disney e de três personagens: Pato Donald, Zé Carioca e Panchito. Para além das representações, procuramos demonstrar a disputa dos “corações e mentes” latinoamericanos por meio destes filmes e personagens.

Deste modo, concordamos com Tota (2014) ao afirmar que não se tratava apenas de combater um inimigo, mas de conquistar e manter um amigo empregando todos os meios para consolidar a imagem dos Estados Unidos como um país paradigmático. Liberalismo e democracia eram dois motes que precisavam ser bem entendidos pela cultura latinoamericana.

Neste sentido, também concordamos com Leite (2006) ao afirmar que Walt Disney pode ser compreendido como um “agente especial da política da boa vizinhança”. A visita de Disney ao Brasil, tal como a produção dos filmes estudados, foi parte da estratégia da política externa norte-americana de consolidar sua hegemonia na América Latina, valendo-se do enorme poder de sedução de sua indústria cinematográfica.

Este estudo inicial tratou apenas das representações pan-americanas para a América Latina, a partir de três personagens específicos. Deste modo, não foi possível abordar o outro lado do processo, como as tensões e resistências na recepção destes filmes. Assim vale dizer que não abordar não significa que acreditemos em processos homogêneos ou em uma América

Latina e latinoamericanos subordinados a toda poderosa indústria cinematográfica norteamericana.

Em seus seis anos de vida, o OCIAA serviu como um laboratório para a experiência norteamericana de fazer da cultura um instrumento de poder. Passada a ameaça do “imperialismo alemão”, o *Office* de Rockefeller perdeu expressão política até chegar à extinção, com o fim da Segunda Guerra Mundial. Embora a extinção, o departamento deixou suas práticas como herança aos Estados Unidos, que, a partir de então, agregaram definitivamente o poder brando à sua política exterior, dando ao “experimento nacional” um enfoque universal.

Referências

LEITE, Sidney Ferreira, “Um pouco de malandragem”. **História Viva**. Ed. 30 de abril de 2006. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/um_pouco_de_malandragem.html. Acesso em 20 de agosto de 2015.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **O amigo americano: Nelson Rockefeller no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ZAGNI, Rodrigo Medina. **Identities em guerra: imperialismo e cultura nas relações entre Estados Unidos e América Latina durante a Segunda Guerra Mundial (os casos de Brasil, Argentina e México)**. Curitiba, PR: CRV, 2015.